

A proeminência do homem no evolucionismo de Teilhard de Chardin¹

A proeminência do homem no evolucionismo de Teilhard de Chardin

Luiz Alencar Libório²

Resumo

A constante polêmica nos meios científicos e religiosos sobre a relação entre evolucionismo e criacionismo, ciência e fé continua a exaltar os ânimos de uns e de outros sem sérias reflexões sobre a problemática. Visa-se, com esse artigo, a fazer uma sintética reflexão sobre o pensamento do jesuíta, Pierre Teilhard de Chardin, sacerdote, biólogo e paleontólogo que tenta colocar uma visão de síntese (evolucionismo criador) sobre a celeuma. É claro que essa tentativa de quebrar paradigmas agrada a uns e desagrade a outros. No entanto, Chardin teve a grande ousadia de colocar algo novo e de ver Deus latejando em todo processo evolutivo. A matéria é um momento no Espírito e Deus é o Alfa, Meio e o Ômega de todo processo evolutivo, sendo tudo chamado à plena Amorização, tendo o homem um lugar proeminente nesse processo: protagonista, terceiro infinito e arco e flecha da evolução.

Palavras-chave: Cristianismo e modernidade; criacionismo; evolucionismo criador; amorização, Ômega.

Abstract

The constant controversy in the scientific and religious means on relation between creationism and evolutionism, science and faith goes on creating animosity among people without serious reflection on the problem. It is sought, with that article, to do a synthetic reflection on the Jesuit's thought,

¹ Este artigo é fruto de um Minicurso ministrado na Semana de Filosofia: 16-18/10/12 na UNICAP.

² Professor/Pesquisador Adjunto I do Grupo de Pesquisa: Religiões, Cultura e Sociedade da UNICAP, Licenciado em Filosofia, Teologia e Psicologia. Especialização em Psicologia Cognitiva (UFPE), Metodologia do Ensino Superior (UNICAP) e Psicologia da Religião (UPS). Mestre e Doutor em Psicologia da Família (2001) pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (UPS). É professor de Psicologia da Religião no Mestrado de Ciências da Religião da UNICAP, no Bacharelado de Teologia, orientador de mestrandos e de alunos do PIBIC, ministrando aulas também na Graduação. E-mail: laliborio@terra.com.br

Pierre Teilhard of Chardin, priest, biologist and paleontologist that tries to put a synthesis vision (creative evolutionism) on the uproar. Of course that attempt of breaking paradigms pleases some people and it displeases the other ones. However, Chardin had the great daring of putting something new and of seeing God throbbing in whole evolutionary process. The matter is a moment in the Spirit and God is the Alpha, Half and Omega of whole evolutionary process, being everything called to the full Love, having man a prominent place in that process: protagonist, third infinite and arc and arrow of evolution.

Key-words: Christianity and modernity; creationism; creative evolutionism; full love, Omega.

Introdução

O universo (macrocosmo) em expansão anuncia que três grandes nós sustentam a marcha para a plenitude: o desabrochar da vida, o aparecimento do homem e o desaguar da criação no Ômega, tendo o homem um lugar proeminente nesse fantástico processo.

A consciência reflexa que torna o antropeide um homem, em seus diversos estágios, é uma façanha maravilhosa do processo evolutivo. Deus colocou no coração da matéria a energia, a possibilidade, o finalismo para a perseguição do Mais Absoluto: a realização plena do cosmo, da vida e do homem!

O “complexo fenômeno da vida” vai desaguar, após muitos meandros evolutivos no salto qualitativo de zero a dez, que é o surgir do “Homem” (*Faber*: Idade da pedra lascada; *Sapiens*: Idade da pedra polida e *Nauticus*: O homem de hoje que navega no espaço sideral, tendo utilizado apenas 10% da capacidade cerebral, já tendo ido à lua e mandado *robots* ao planeta Marte.

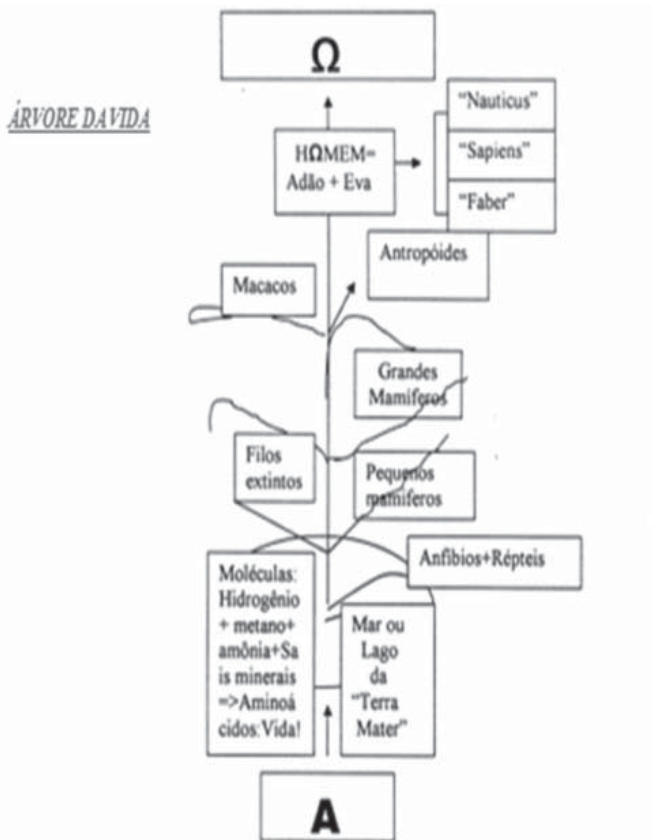
No evolucionismo criador de Chardin, a “Antropogênese” vai do aparecimento do homem até o ponto Ômega, realidade absoluta, divina, o grau máximo de aperfeiçoamento de toda criação, plasmando a Árvore da vida!

A árvore da vida tem suas raízes num lamaçal de um lago qualquer da “Terra-mãe”, grávida da vida, quando aconteceu a junção dos elementos químicos necessários à formação da molécula (aminoácidos, hidrogênio, etc.), dos anfíbios, dos batráquios, dos pequenos mamíferos, dos grandes mamíferos, dos

antropoides e finalmente do homem que inicia sua ascensão para o ponto Ômega.

O homem, além de ser o sentido e o protagonista da evolução, é o terceiro infinito (primeiro: o cosmo; segundo: a vida) e o arco e a flecha da evolução, qualidades nobres para o viajor existencial em busca da perfeição e da plenitude do seu ser “irrequieto que, como afirmava Santo Agostinho, só descansa quando chegar a Deus”.

A Árvore da vida, abaixo desenhada, mostra um pouco essa odisseia existencial!



FONTE: O Fenômeno Humano³, 1970, p. 134 (Similar).

³ CHARDIN, T. de. **O fenômeno humano**. São Paulo: Herder, 1970.

Este artigo se divide em três temas: 1) O homem: sentido da evolução; 2) O homem: protagonista da evolução; 3) O homem: arco e flecha da evolução.

O homem: sentido da evolução

A longa viagem do cosmo, da vida e do homem para o Ômega se chama evolução que é um fato, que tem seu mecanismo e que se nutre de um sentido. Chardin era apaixonado por esses dois polos: o Universo e Deus⁴! O universo foi feito para chegar a Deus!

Teilhard sabe muito bem que, quando se fala em evolução, é preciso distinguir apuradamente três problemas em relação a ela:

- 1) o fato da evolução;
- 2) o mecanismo da evolução;
- 3) o sentido e as leis da evolução.

Vejamos o fato da evolução!

O fato da evolução

O fato da evolução é hoje comumente admitido pelos cientistas que em sua grande maioria o consideram como certo.

Os argumentos em que se apoiam – nem todos com a mesma força probatória – derivam, de uma parte, da biologia e, de outra, da paleontologia. O leitor interessado poderá informar-se sobre eles recorrendo à bibliografia especializada.

Também há uma relativa concordância em estabelecer algumas datas e algumas etapas deste maravilhoso avançar do universo para o Mais que é a evolução.

Para maior clareza e simplicidade, apresentamo-los num gráfico a seguir.

⁴ WILDIERS, N. M. **Teilhard de Chardin**. Lisboa: Editorial Presença, 1965, pp. 9-10.

É evidente que se trata de dados aproximativos, mas que têm seu fundamento em trabalhos de especialistas.

Apesar disso, nada impede que possam no futuro ser modificados profundamente com o avançar das ciências!

DATAS	ANIMAIS	VEGETAIS
?	Homem	
1 milhão	Primata	
100 milhões	Pássaros+mamíferos	angiospermas
200 milhões	répteis	
300 milhões	anfíbios	ginospermas
400 milhões	peixes	criptógamas
900 milhões	Invertegrados?	
1 bilhão		Bactérias e algas azuis
2 bilhões	vitalização	
5 bilhões	Formação da terra	
15 bilhões	Origem do universo	

FONTE: O Fenômeno Humano, 1970, p. 161 (Similar).

Eis a seguir o mecanismo da evolução!

1.2 O mecanismo da evolução

Quando se passa do “fato” ao “mecanismo” da evolução, então começam a chover teorias e hipóteses. São conhecidas as teorias dos fundadores da evolução.

Jean-Baptiste DE MONET (cavaleiro de Lamarck: 1744-1829) em seu livro Filosofia Zoológica, publicado, em 1809, tentou explicar a evolução recorrendo a duas causas: a) adaptação ao ambiente e b) certa tendência intrínseca à natureza para evoluir.

Charles Darwin (1809-1882), cinquenta anos depois, em sua famosa obra “A origem das Espécies”, publicada em 1859, recorreu a explicações da evolução de ordem mais extrínseca, destacando: a) a seleção natural e b) a luta pela sobrevivência (existência).

A explicação de Darwin encontrou fanáticos adeptos. Entre eles os marxistas, que viam nas teorias de Darwin uma con-

firmação científica de sua “Dialética da Natureza”. Mas encontrou também poderosos adversários, como os célebres cientistas Claude Bernard, Pasteur, De Quatrefages e outros.

Apesar disso, a teoria evolucionista foi ganhando terreno, até que, no começo do século XX, apareceu uma nova explicação do mecanismo da evolução, que parecia muito mais convincente e sólida que as precedentes: o “mutacionismo”.

O “mutacionismo” deve seus inícios a Ugo de Vries (1848-1935), botânico holandês, e, sobretudo, ao biólogo americano Thomas Hunt Morgan (1866-1945).

O primeiro (Vries), trabalhando com uma folha de “*oenothera lamarckiana*”, o segundo (Morgan) com uma mosca “*drosophila melanogaster*” conseguiram obter de ambas (folha e mosca) múltiplas e surpreendentes variações hereditárias, convencendo-se de que essas “mutações” poderiam dar a razão da evolução.

Hoje a teoria que ganha mais sequazes entre os cientistas é a “teoria sintética”, assim denominada, porque invoca juntos (sintetiza) os diversos fatores sucessivamente alegados para explicar a evolução. Assim, ela admite as mutações, a seleção e a adaptação. Vejamos agora o sentido e as leis da evolução!

1.3 O sentido e as leis da evolução

Onde irá Teilhard decifrar o sentido da evolução senão nas leis, nas linhas que traçam a na marcha? E eis, segundo Teilhard, a primeira grande linha: a lei fundamental que exprime a direção de evolução em todos os níveis da realidade: “a lei da complexificação”.

Em termos simples, esta lei significa que a matéria do universo, o “tecido do mundo” evolui criando formas cada vez mais complexas. Dos átomos às moléculas, das moléculas aos vírus e às células e, finalmente, a toda a gama dos seres vivos, entre os quais é evidente uma sucessiva e maior complexificação: vermes, insetos, peixes, anfíbios, répteis, aves, mamíferos, até o homem. Não é necessário sermos biólogos para compreender que

o caminho é para uma complexidade crescente.

Mas é necessário entender bem o que significa complexidade para Teilhard sob pena de não entendermos nada da construção científica e – diríamos nós – metafísica que Teilhard tem sobre este conceito.

Complexidade não é pura heterogeneidade, mas heterogeneidade, pluralidade organizada: nesse sentido, para Teilhard, é mais organizado um minúsculo verme, que um montão de areia; uma célula, mais que uma estrela.

Com efeito, na escala dos seres brevemente enumerados: átomos, moléculas, vírus, células, viventes, não é somente o número das partículas constitutivas que cresce, mas também a variedade, a ordem, o estreitamento das relações das partículas entre si.

Uma molécula, um ser vivo, unicelular ou pluricelular, não são um puro amontoado de elementos, mas representam também, e sobretudo, uma determinada ordem de ligações entre os elementos que fazem do conjunto uma unidade coerente.

Ora, a lei da complexificação manifesta, sobretudo, este último fato: que a evolução caminha para formas cada vez mais complexas, isto é, organizadas.

“Com esta lei da complexificação, Teilhard descobre – conjunta e correspondente – outra lei que com ela se completa: “a lei da interiorização” ou “conscientização”.

Qualquer um pode constatar que desde o aparecimento da vida e da consciência, elas se manifestam na escala dos viventes na proporção da complexidade deles. Teilhard mostra-o a cada momento em seus escritos e, para o leigo, é também fácil de ver, sendo excluído o acaso na evolução⁵.

⁵ Atualmente, o princípio da evolução da matéria é reconhecido não só por muitos naturalistas de nosso país, como do exterior. Entretanto nos países capitalistas, a maior parte dos pesquisadores não estende este princípio senão aos períodos de evolução da matéria que antecedem o aparecimento dos seres vivos. “Quando chegam a esta etapa primordial da história do desenvolvimento da matéria, deslizam inevitavelmente para suas antigas convicções mecanicistas, invocam a “feliz casu-

Tudo, pois, faz pensar que a consciência tem alguma relação com a complexidade do indivíduo.

Para Teilhard, ela é seu efeito específico e, portanto, a consciência existe onde quer que haja complexidade, muito embora, às vezes, a complexidade seja de tal modo fraca que a consciência resultante não é bastante marcada e luminosa para tornar-se visível aos olhos do homem, protagonista da evolução.

2 O homem: protagonista da evolução

Esta parte contém os seguintes subtemas: 1) o homem: terceiro infinito; 2) o homem: novidade absoluta.

2.1 O homem: terceiro infinito

Uma consequência da lei da “complexificação-consciência” é o primado do homem. Porque se é verdade que o universo é um sistema orgânico e dinâmico em via de interiorização psíquica e a evolução uma marcha em direção ao espírito, segue-se que o sentido geral da evolução é o espírito, e concretamente o homem, em que se realiza a mais alta encarnação do espírito.

Eis por que Teilhard repete, a cada momento, em sua linguagem poética, que o homem representa o “eixo e a flecha da evolução”; que, longe de constituir um acidente fortuito da evolução, é, pelo contrário, o termo, o fim para o qual a evolução caminhou até agora.

É ao longo desta flecha e deste eixo que ela, durante bilhões de anos, subiu, lenta, mas decididamente, até finalmente chegar a ele (espírito), triunfando sobre todos os impedimentos e sobre todos os obstáculos.

Por isso, o homem (e estou usando o rico vocabulário teilhardiano) se constitui chave, cabeça, pináculo do universo, frente avançada da vida, desfecho da cosmogênese, coroa e aca-

bamento de tudo aquilo que o mundo material e o mundo animal na sua totalidade trouxeram consigo durante milhões de anos de existência.

E porque eixo e flecha da evolução, o homem revela-se também como o terceiro infinito além do cosmo e da vida.

Num ensaio de 1942²¹, Teilhard introduz-se com uma ligeira visão histórica sobre a posição do homem no universo.

Até o século XVI, ninguém pensava em pôr em dúvida que o homem fosse o centro do universo. O homem, centro geométrico e centro de dignidade de um universo formado por esferas concêntricas em volta da Terra. Parecia que não se poderia pensar diversamente.

Mas aconteceu que, como consequência duma serie de descobertas científicas, às quais estão ligados os nomes de Galileu e Darwin, tal antropocentrismo um pouco ingênuo afundou-se totalmente no curso do século XIX.

Em pouco tempo, o homem se viu reduzido a nada, num universo onde a própria Terra se tornava um grão de poeira insignificante numa nuvem de astros.

Eis, porém, que, de algum tempo para cá, o homem parte de novo para a conquista do primado, não já o antigo – de centro estático do universo - mas novo: de cume, de termo da evolução.

A ciência já estabeleceu suficientemente - apesar de não lhes ter ainda alcançado os limites - dois infinitos: o “infinitamente grande”, imenso, o macrocosmo das estrelas e das galáxias, e o “infinitamente pequeno”, minúsculo: o microcosmo dos átomos e de seus componentes.

Diante dessas grandezas inimagináveis, dessas profundezas insondáveis, o homem experimenta vertigem e angústia, sente-se como que absorvido, aniquilado.

Verdadeiramente, que é o homem, se não um grão de areia, uma gota de orvalho, uma pobre, minúscula folha entre milhares de outras crescendo na árvore da vida?

Mas Teilhard não se conforma com essa visão deprimente. Fundamentado na curva de complexificação, ele descobre que o homem – se é verdade que é uma quantidade insignificante

diante das imensidades do universo - representa um infinito em complexidade, o terceiro infinito, o infinito que eu chamaria de “centro-cósmico” em oposição ao infinito macrocósmico e microcósmico.

Com efeito, se observarmos atentamente a curva de complexificação, descobrimos que o homem revela em complexidade os mesmos valores numéricos que o universo apresenta em extensão espacial; quer dizer: o grau de complexificação do homem se expressa por algarismos iguais ao grau de extensão das galáxias.

Abismo, o imensamente grande (macrocosmo); abismo o imensamente pequeno (microcosmo), mas, abismo, também, o imensamente complexo (o homem). O universo estende seus limites ao infinito, não só em dois, mas em três sentidos.

Infinito em complexidade, o homem é também infinito em consciência, dado que, como já explicamos, complexidade e consciência se correspondem perfeitamente, sendo que o homem mais altamente complexo é, ao mesmo tempo, o mais profundamente interiorizado.

Já Santo Tomás, há muitos séculos, não duvidara em afirmar que o homem é, em certo sentido, infinito pela sua consciência, porque por ela pode e tende a conhecer todas as coisas, incluso o seu próprio eu e o infinito.

Pascal exprimia com sua habitual eficácia: “Pelo espaço, o universo me compreende e engole: pelo pensamento eu o compreendo como também o homem: a novidade absoluta”.

2.2 O homem: novidade absoluta

Tudo certo, dirão muitos, mas se é assim, para onde vai a originalidade do homem, sua espiritualidade, sua criação por parte de Deus?

Por que, na teoria teilhardiana, como acaba de ser apresentada, o homem constitui-se como o ponto mais alto dum processo, mas dum processo que tem suas raízes na matéria; e a insinuação feita, de que talvez a matéria seja em última análise

redutível a espírito, não pode ainda ser considerada uma hipótese solidamente estabelecida?

Portanto, o fenômeno humano, também para Teilhard, evolucionista convicto, é um fenômeno inteiramente novo, original. Que importa que o homem derive, por evolução, do animal?

Ele não nasce senão por uma profunda transformação de tudo aquilo que o precede e prepara e apresenta características inteiramente novas.

Em Teilhard, essa posição é central, e as citações poderiam ser levadas ao infinito. Citamos algumas alíneas do Pe. Smulders, em que ele se esforça por dar um resumo dos textos de Teilhard a esse respeito⁶.

Que diferença há, portanto, entre a doutrina de Teilhard e a dos materialistas, para os quais também o homem representa o “máximo grau” de organização e perfeição da matéria?

A objeção não é nada arbitrária e nada fácil a resposta. Mas temos confiança em mostrar que a posição de Teilhard não é materialista. E isso independentemente da hipótese de que o tecido do universo seja de natureza fundamentalmente espiritual. Para tanto, precisamos começar pelo próprio conceito que Teilhard tem de evolução.

A evolução, dizíamos, caminha para formas cada vez mais complexas e conscientizadas. Pensamos habitualmente na evolução como um processo lento, gradual, contínuo; em contexto político e social, costumamos opô-lo à revolução.

Mas a evolução teilhardiana é também revolucionária. Em dois momentos do processo: na passagem do inanimado à vida e na passagem da vida animal à consciência reflexa do homem.

O aparecimento da vida sobre a Terra, o passo da vida, diz Teilhard, só é explicável por um salto, uma descontinuidade, uma crise de primeira grandeza no processo ascensional da evolução.

⁶ SMULDERS, P. **A visão de Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1965, p. 77.

Algo de inteiramente novo, de extraordinário, de inesperado, aconteceu sobre a Terra, quando apareceram nela as primeiras células. Um hiato de imensa distância se abriu entre o passado e o presente, uma mudança profunda se operou no tecido do universo. A vida vem por evolução da matéria, mas não é explicável pela matéria.

O mesmo ensina-o Teilhard, quando do aparecimento do homem. “A mudança de estado biológico que leva ao despertar do pensamento não correspondente simplesmente a um ponto crítico atravessado pelo indivíduo, ou mesmo pela espécie”.

“Mais vasta do que isso, a mudança afeta a própria vida na sua totalidade orgânica, e, por conseguinte, assinala uma transformação que afeta o estado do planeta inteiro”.

“É a este grande processo de sublimação que convém aplicar, em toda a sua força, o termo Hominização⁷. Hominização que é, antes de tudo, se se prefere o salto individual, instantâneo, do instinto para o pensamento. Mas hominização que é também, num sentido mais lato, a espiritualização filética, progressiva, na civilização humana, de todas as forças contidas na animalidade”⁸.

Portanto, o fenômeno humano, também para Teilhard, evolucionista convicto, é um fenômeno inteiramente novo, original. Que importa que o homem derive, por evolução, do animal?

Ele não nasce senão por uma profunda transformação de tudo aquilo que o precede e prepara e apresenta características inteiramente novas.

Evolui da matéria, mas não é explicável pela matéria. Em Teilhard, esta posição é central, e as citações poderiam ser levadas ao infinito. Citamos algumas alíneas do Pe. Smulders, em que ele se esforça por dar um resumo dos textos de Teilhard a este respeito:

As diferenças anatômicas entre os outros primatas e o homem podem ser relativamente pequenas, a própria vida psíqui-

⁷ WILDIERS, N.M. **Teilhard de Chardin**, 1965., p. 70.

⁸ CHARDIN, T. de. **O fenômeno humano**, p. 188.

ca do homem pode revelar traços de parentesco com o mundo animal, e, no entanto, entre o conjunto da vida animal e o homem existe uma diferença profunda, tão objetivamente verificável, quanto as semelhanças anatômicas, fisiológicas ou psicológicas. Esta diferença determinou uma forma de vida radicalmente nova.

“O homem, entre os primatas, não é só o primeiro entre seus semelhantes. É fundamentalmente errado querer reconhecer entre os macacos e os homens apenas uma diferença de grau, não uma diferença de natureza”.

“Por mais íntima que seja a ligação entre o homem e as formas inferiores da vida, por mais clara e importante que seja a continuidade entre a vida animal e a vida humana, a consideração objetiva do fenômeno humano deve reconhecer uma “descontinuidade maior”, uma “ruptura”, uma outra forma de vida, “uma fase absolutamente nova”.

Com a origem do homem, a corrente da vida passa por um ponto crítico, atinge um nível diferente. A vida humana é, ao mesmo tempo, um prolongamento da vida animal e diferente, heterogênea.

“Teilhard chega a dizer que o aparecimento da evolução da reflexão do homem constitui, em certo sentido, uma mudança de zero ao todo”, sem intermediário. O aparecimento do homem liberou uma nova força de vida na Terra.

É um salto prodigioso, que deve valer na história da Terra como “um acontecimento evolutivo da primeira grandeza”: “uma passagem tão profunda e radicalmente nova, que só o primeiro início da vida pode ser comparado com ele. É um novo mundo interior, o mundo do universal pensado, que se abre.”

3 O homem: arco e flecha da evolução

Como se tudo isso não bastasse, o homem assume em Teilhard uma nova e importante prerrogativa: a de tornar-se portador da evolução. Eixo e flecha da evolução, o homem não constitui a meta final, mas uma simples etapa da mesma.

Chegada ao homem, a evolução não para, mas sofre uma mudança profunda: não caminha mais para o homem, encarna-se nele: o próprio homem torna-se evolução.

Com isso, ele toma nas mãos as alavancas de comando e dirige os novos destinos da evolução, que de condutora se torna conduzida, de cega e determinada, torna-se consciente e voluntária.

O homem é atualmente o portador da evolução, da força cósmica que, desde milhões de anos, move o mundo para formas sempre superiores de ser, de vida, de consciência.

É o portador da energia criadora de Deus: no fundo da sua alma ele pode escutar o eco do *Fiat* (Faça-se) original. Ele é chamado a realizar essa potência criadora que leva consigo: tornar-se não apenas instrumento, mas prolongamento vivo do poder criador de Deus: construir com Deus este mundo em evolução: colaborar com ele no seu acabamento.

Num ensaio de 1942 ⁹, Teilhard introduz-se com uma ligeira visão histórica sobre a posição do homem no universo.

Até o século XVI, ninguém pensava em pôr em dúvida que o homem fosse o centro do universo. O homem, centro geométrico e centro de dignidade de um universo formado por esferas concêntricas em volta da terra. Parecia que não se poderia pensar diversamente.

Mas aconteceu que, como consequência duma série de descobertas científicas, às quais estão ligados os nomes de Galileu e Darwin, tal antropocentrismo um pouco ingênuo afundou-se totalmente no curso do século XIX.

Resumindo, segundo Teilhard, o homem leva no cosmo um tríplice primado:

De finalidade, pelo fato de constituir-se “eixo e flecha da evolução”;

De perfeição, sendo o “produto mais complexo” e, portanto, o “mais conscientizado da evolução”.

⁹ CHARDIN, T.de. *Oeuvres*, 3, p. 305.

De ação e de iniciativa, tendo em suas mãos a “evolução” em sua marcha progressiva.

Não conhecemos filósofo ou cientista que tenha atribuído ao homem um lugar tão alto e um papel tão nobre e importante como os que lhe atribuiu Teilhard.

O humanismo teilhardiano supera de muito o humanismo marxista, nem é comparável com o humanismo existencialista, se é que se pode falar de humanismo existencialista. Substancialmente é o humanismo cristão, mas com perspectivas profundamente inovadoras.

Agora o centro das investigações científicas orientado *para a frente*, no prolongamento do *fenômeno humano*, está em vias de fazer surgir, nesta direção, uma perspectiva ainda mais espantosa: a de uma “humanização progressiva da humanidade”¹⁰, marchando cada vez mais para a Parusia.

Conclusão

Para Teilhard de Chardin, os anos de 1912-1926 foram ricos em descobertas espirituais, as quais lhe permitiram dar ao seu pensamento dois componentes fundamentais: o sentido cósmico, precisado e sustentado pela visão evolucionista, e o sentido crístico.

Esses dois componentes estão expressos na última página de seu Diário: “Os dois artigos do meu credo: o Universo está centrado evolutivamente no alto, na frente e Cristo é seu centro” (Carta de 15 de maio de 1926).

Esse pensamento mostra a passagem de Chardin do fixismo para o evolucionismo... O mundo não era mais um cosmo imóvel, mas uma cosmogênese; sua unidade era dinâmica; ele se desdobrava no espaço e no tempo, convergente, finalizado, ortogênético; sua evolução se opera pela adição orientada de pequenas mudanças, havendo assim a “santa Evolução” (Vida cósmica,

¹⁰ CHARDIN, T. de. *Le Christ évoluteur*, 1942.

24/05/1916)¹¹.

Portanto, nesse longo e sinuoso processo evolutivo, Teilhard consegue vislumbrar a ação transformadora de Deus que está presente, pulsando em todo percurso evolutivo, levando a vida de complexificação em complexificação com seus saltos quantitativos e especialmente qualitativos ao mais pleno da odisséia existencial.

Bem dizia Raul Seixas, na canção Gitá, referindo-se a esse Ser que homem irrequietamente busca, que Ele era percebido pelas religiões das mais diversas maneiras: luz do luar, sangue no olhar do vampiro, placa de contramão, olhos do cego e cegueira da visão¹².

No entanto, numa percepção holística, Seixas vê Deus como Início (Alfa), Fim (Ômega) e Meio de todo processo evolutivo. O homem, arrastado pela precipitação das forças evolutivas, desabrocha como fruto nobre dessa ascensão ousada para o Mais absoluto, tornando-se o sentido, o protagonista e o arco e flecha da evolução, flecha essa disparada em busca da plenitude, carregando em seus ombros a criação toda que ensaia ser uma nova Terra e um novo céu (Ap 21).

Portanto, o lugar que o homem ocupa nessa avalanche evolutiva global é muito nobre e digno do homem, imagem e semelhança de Deus, cocriador com Deus Pai, transcriador com o Espírito Santo e, de certo modo, libertador com Cristo, com a amorização e a cristificação, das amarras da evolução e do desencontro original.

O homem é, sem dúvida, o terceiro infinito (além do cosmo e da vida) em perseguição incansável do mar infinito e da realização plena!

Eis a grande proeminência do homem no evolucionismo criador de Pierre Teilhard de Chardin, um sacerdote que teve a

¹¹ ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e Cia: A Igreja e a evolução.** São Paulo: Paulus, 1999, p. 50-51.

¹² SEIXAS, Raul. Canção GITÁ!

coragem de quebrar complexos paradigmas na tentativa de um diálogo fecundo entre Ciência e Fé!

Referências

ARNOULD, Jacques. **Darwin, Teilhard de Chardin e Cia: A Igreja e a evolução.** São Paulo: Paulus, 1999.

BÍBLIA de Jerusalém. **Antigo e Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 1995.

CHARDIN T. DE. **O fenômeno humano.** São Paulo: Herder, 1970.

_____. **Grupo zoológico humano**, pp. 34.35. Cf. também *Oeuvres*, 3, p. 355.

_____. **Oeuvres**, 1955, p. 305.

_____. **Le Christ évoluteur**, 1942.

DALLE NOGARE, Pedro. **Humanismo e anti-humanismos em conflito.** 1. ed. São Paulo: HERDER, 1973.

OPARIN, A. **A origem da vida.** São Paulo: Ed. Escriba, 6ª edição.

SEIXAS, Raul. **Canção Gità.**

SMULDERS, P. **A visão de Teilhard de Chardin.** Petrópolis: Vozes, 1965.

WILDIERS, N.M. **Teilhard de Chardin.** Lisboa: Editorial Presença, 1965.